

ARTIGO

Referenciação, metáfora e contexto: uma abordagem interdisciplinar

Referencing, metaphor and context: na interdisciplinary approach

Erik Fernando Miletta Martins¹ Marcela Costa de Souza² ¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras, Natal, RN, Brasil²Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

E-mails: erikmiletta@gmail.com; marceladesouza27@gmail.com

RESUMO: Neste texto, indicamos alguns caminhos para o diálogo interdisciplinar entre a Linguística Textual, nossa área de concentração, a Linguística Cognitiva e as Ciências Sociais. Para tanto, apontamos como o impacto teórico e epistemológico da noção processual de referência, adotada pela Linguística Textual, viabiliza estas interlocuções. Para ilustrar nosso argumento, trabalhamos a articulação entre as noções de referenciação, metáfora e contexto em dados trazidos de dois campos sociais distintos: o religioso – a partir de nossos estudos sobre o neopentecostalismo – e o político – diante de nossos estudos sobre o bolsonarismo. Nesses dados, observamos como elementos afeitos ao campo social econômico liberal são incorporados ao campo religioso e político de modo a viabilizar um ataque conjunto às recomendações sanitárias de isolamento social horizontal propostas pela OMS durante a pandemia da Covid-19. A partir de duas amostras de análise, mostramos como agentes influentes destes campos conceptualizam essas recomendações dentro de uma lógica de guerra. No campo religioso, seriam táticas de Satanás. No campo político, como quimioterapia. Em nossas considerações finais, defendemos como a noção dinâmica de contexto é fundamental à uma análise acurada dos efeitos de sentido provocados por processos referenciais, promovendo avanços significativos dentro e fora da Linguística Textual.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação, Metáfora, Contexto, Igrejas Pentecostais, Jair Bolsonaro.

ABSTRACT: In this text, we indicate some paths for interdisciplinary dialogue between Textual Linguistics, our area of concentration, Cognitive Linguistics, and Social Sciences. To do so, we highlight how the theoretical and epistemological impact of the procedural notion of reference, adopted by Textual Linguistics, enables these interlocutions. To illustrate our argument, we explore the articulation between the notions of referencing, metaphor, and context using data from two distinct social fields: the religious field, based on our studies of neopentecostalism, and the political field, based on our studies of Bolsonaroism. In these data, we observe how elements related to the liberal socio-economic field are incorporated into the religious and political fields, enabling a joint attack on the social distancing recommendations proposed by the WHO

COMO CITAR

MARTINS, Erik Fernando Miletta; SOUZA, Marcela Costa de. Referenciação, metáfora e contexto: uma abordagem interdisciplinar. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1890, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1890>



during the Covid-19 pandemic. Through two samples of analysis, we demonstrate how influential agents in these fields conceptualize these recommendations within a logic of war. In the religious field, they are seen as tactics of Satan. In the political field, they are compared to chemotherapy. In our final considerations, we argue that the dynamic notion of context is essential for an accurate analysis of the meaning effects caused by referential processes, promoting significant advances inside and outside Textual Linguistics.

KEYWORDS: Referencing, Metaphor, Context, Pentecostal Churches, Jair Bolsonaro.

1 Introdução

Neste artigo, consideramos oportuno defender algumas das teses norteadoras dos trabalhos do grupo de pesquisa Estudos Sociocognitivos do Texto (ESCOT), assentado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A vocação fortemente interdisciplinar do grupo, resultante da própria natureza social dos objetos estudados, é justificada não só pela abordagem de crivo sociocognitivo e de inclinação textual-interativa dos processos de produção e de compreensão de sentidos ocorridas no interior do objeto teórico texto. Destacamos, em particular, a defesa da inescapável necessidade de diálogo entre a Linguística Textual (LT), área principal de concentração do grupo, e áreas de dentro e de fora da Linguística. Dado o próprio histórico de nossa principal área de concentração (Koch, 2004), entendemos ser bastante necessária essa interlocução para desenvolvimento do próprio campo. Aqui, daremos destaque ao diálogo com a Linguística Cognitiva, dados nossos estudos sobre a metáfora; e com as Ciências Sociais, em função de nosso interesse sobre campos sociais políticos e religiosos.

A defesa dessas interlocuções como essenciais ao desenvolvimento da própria LT ganha respaldo diante da centralização da atividade de referenciação como eixo organizador das reflexões sobre o campo dos estudos textuais. Tendência apontada por Bentes e Alves Filho (2012), os problemas levantados por trabalhos dedicados ao tema da referenciação norteiam questões teóricas, metodológicas e epistemológicas centrais à agenda de investigação dos estudos sobre texto e discurso. Assim, noções elementares, como os fatores de textualização, gênero, tópico discursivo, intertextualidade, contexto, entre outras, impactam e **são impactadas** por avanços e acordos comuns sobre o problema semântico-textual da referência, elementar à questão da significação. Tais avanços, inclusive, têm efeito similar nos estudos dedicados a entender a relação entre cognição e linguagem, em especial os dedicados aos processos de categorização, inferenciação, metáfora conceptual, *frames*, entre diversos outros (Martins, 2017). Afinal, quando falamos da referência, estamos falando da forma como damos a conhecer o mundo através da linguagem, ação na qual todos esses processos participam de maneira solidária.

Neste quadro, a depender da noção de referência adotada, a abordagem sobre tais processos irá invariavelmente levar a distintos lugares. Do nosso ponto de vista, assumimos duas premissas. A primeira nos diz que **referir é o ato primário de dar a conhecer ao outro**, atividade basilar a qualquer sistema comunicativo, humano ou não-humano¹. A segunda premissa nos diz que **referir é estabelecer meios de organização social para a ação sobre a realidade**,

¹ Podemos, por exemplo, remeter ao sistema de comunicação entre abelhas, retomado no famosíssimo ensaio de Benveniste, ou às descrições bastante atuais dos meios de comunicação entre símios superiores, como as trazidas por Tomasello (2008).

pois, por meio da referência, **são estabelecidas** relações entre linguagem e objetos do mundo físico e social, criando os elos coesivos fundamentais à ação coletiva. Composto pelas práticas humanas necessárias à sobrevivência enquanto espécie, o símbolo linguístico associado a um objeto ou evento do mundo (seja físico ou social) é transmitido entre gerações como *instrumento*, no qual estão “incorporados os meios pelos quais as gerações anteriores de um grupo social consideraram proveitoso categorizar e interpretar o mundo para fins de comunicação interpessoal (Tomasello, 1999, p. 11, tradução nossa). Ao comentar sobre a necessidade filogenética de “tornar comum”, Salomão (2017, p. 7, grifo nosso) aponta-nos: “Ao contrário do que pretende o último Chomsky, a comunicação não é um “efeito colateral” da linguagem, mas sua razão de ser. Em outras palavras, são **comunicativas** as bases da cognição humana”.

Diante destas premissas, a agenda de estudos sociocognitivos (Salomão, 1999; 2005; Koch; Cunha-Lima, 2004; Tomasello, 1999; 2014; 2019) do texto (Koch, 2004; Morato, 2017; Marcuschi, 2005) envolve, entre outras coisas, assumir:

1. A referência como interface altamente produtiva para discutir problemas epistemológicos comuns aos estudos sobre linguagem e sobre cognição (Martins, 2017; Martins; Souza, 2020). Afinal, é, principalmente, por meio da referência linguística que damos a conhecer o mundo através da linguagem. A significação, portanto, sob essa ótica, está longe de ser um evento puramente linguístico ou cognitivo;
2. A referência como construção intersubjetiva (Mondada; Dubois, 2003) central ao processo de “negociação da realidade” (Goffman, 1974) ocorrido na interação. Admite-se, assim, uma instabilidade² constitutiva na relação entre as categorias e os referentes. Estes, quando textualizados, adquirem o estatuto de *objetos-de-discurso*, resultantes da solidariedade entre as atividades de referenciação e sua contraparte cognitiva, qual seja, a categorização e a recategorização dos referentes (Mondada; Dubois, 2003);
3. A referência enquanto objeto de natureza dual, marcada tanto pela presença de uma “natureza intersubjetiva” – isto é, socialmente compartilhada e responsável por organizar uma matriz pragmática na interação – quanto de uma “natureza perspectival” – isto é, capaz de direcionar a atenção dos interactantes para maneiras específicas de perceber objetos e eventos do mundo (Tomasello, 1999, p. 213);
4. O texto como um evento comunicativo para o qual “convergem ações cognitivas, discursivas e sociais” (Beaugrande, 1997, p. 26) atuante enquanto “forma de cognição social que permite ao homem organizar cognitivamente o mundo” (Koch, 2002, p. 157). Objeto central da Linguística Textual (Bentes; Rezende, 2014), esta unidade mínima de sentido encontra-se organizada por uma “inescapável solidariedade” entre processos linguísticos e cognitivos (Morato, 2017) responsáveis pela construção referencial do mundo. Depreende-se, dessa relação, que a “linguagem, e o texto, estão longe

² A tese da instabilidade referencial ganha força quando admitimos: i-) que “o discurso constrói os “objetos” a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção” (Koch, 2002, p. 30); e, ii-) o caráter historicamente situado dos símbolos linguísticos, quando “incorporam uma miríade de maneiras de construir o mundo intersubjetivamente que foram acumuladas em uma cultura através do tempo histórico” (Tomasello, 1999, p. 96. tradução nossa).

de ser mero reflexo de processos cognitivos, como a categorização, a memória, a sensório-motricidade ou até mesmo a metáfora conceptual” (Martins; Souza, 2020, p. 22), dada a inter-relação funcional, mutuamente constitutiva, entre linguagem e cognição aqui postulada. De onde enxergamos, portanto, a língua está longe de ser mera janela para observação de processos cognitivos universais;

5. Todo texto apresenta uma função comunicativa reconhecível, isto é, um *telos*, um projeto de dizer organizado para atingir determinados fins comunicativos (Bentes; Rezende, 2014, p. 145). A intencionalidade é traço prototípico (Sandig, 2009) do texto, e projetá-la é processo essencial ao evento comunicativo (Tomasello, 2014, p. 3). Essa projeção envolve orientação da atenção – processo esquematizado por Tomasello (1999, p. 98, tradução nossa) como “você tem a intenção de que [eu preste atenção a (X)]” – e organiza as demais atividades inferenciais de base textual e contextual (Marcuschi, 2008; Morato *et al.*, 2012).

2 Da natureza dos diálogos interdisciplinares: referenciação, metáfora e contexto

Uma maneira aprofundarmos estas interlocuções está em observar a metáfora como um processo sociocognitivo, de natureza textual, elementar à construção sociocognitiva da referência. Afinal, a metáfora só ganha vida dentro de um texto e, não raro, emerge nele através de processos referenciais coesivos. Por isso, nossos estudos sobre a metáfora ganham contornos particulares, se comparados aos da Linguística Cognitiva, em função da atuação de uma noção dinâmica de contexto (Hanks, 2008) na seleção e saliência de traços dos domínios analógicos das metáforas³ (Martins, 2021). Tais princípios nos permitem dizer como o mapeamento metafórico, além de organizado pela predominância da influência do domínio-fonte (relativo a experiências concretas), sobre o domínio-alvo, (relativo a dimensões mais abstratas de nossa experiência) (Lakoff; Johnson, 2002), também tem, em sua organização, uma atuação importante do domínio-alvo sobre o domínio-fonte, ao colocar em saliência aspectos específicos deste⁴, contextualmente selecionados a partir da projeção da intencionalidade.

Evocar uma noção de contexto como a proposta por Hanks (2008) revela-se essencial também por permitir adequar a metodologia de análise de processos textuais de construção do sentido a uma realidade sociocognitiva na qual os processos inferenciais responsáveis pela resolução de anáforas ou pelo mapeamento metafórico, embora situados, amparam-se em dimensões socioculturais e históricas. Afinal, se contexto tem a ver com “um estado de coisas que em parte está organizado *a priori*, e em parte com uma significação que vem de sua própria organização” (Morato, 2008, p. 83), é fundamental darmos conta de uma integração entre macro e micro dimensões nele atuantes, para uma análise produtiva e dinâmica do uso da linguagem na construção textual da significação.

³ Uma crítica à noção de contexto adotada no seio da Linguística Cognitiva pode ser encontrada em Martins (2021).

⁴ Aspectos mais específicos sobre a relação entre texto, contexto e metáfora podem ser vistos em Martins e Souza (2021).

3 À guia de análise: contexto, referenciação e metáfora

Para Hanks (2008), contexto é uma noção composta por duas dimensões inseparáveis: a emergência e a incorporação. Enquanto a emergência concerne ao curso da interação e organiza o contexto em três níveis: *situação*, *cenário* e *campo semiótico*, a incorporação remete aos elementos de cada um dos níveis que vão sendo incorporados ao longo do desenvolvimento da interação. Quando o cenário é incorporado e lhe é atribuído significado na forma de signos, instaura-se um nível mais estruturado, o *campo semiótico*, composto por um campo demonstrativo (envolvendo o uso de dêiticos espaciais, temporais e pessoais, o “aqui-agora-eu”) e um campo simbólico, no qual emergem, por exemplo, as escolhas de itens lexicais nucleares às construções referenciais.

Essas construções são ancoradas na percepção que o locutor tem do *groundedness* (Hanks, 2008), isto é, do assentamento do cenário em uma dimensão sócio-histórica. Assim, o enquadramento do discurso pelos interlocutores estabelece um sistema de relevância mútua, por meio do ajuste e alinhamento de intenções atribuídas pelos participantes da interação. Atua, então, diante de uma intenção supostamente compartilhada, isto é, por um objetivo comum desenhado por um “nós intencional” (Tomasello, 2014).

O campo semiótico, assim como todos os outros níveis de contexto, não existe em um vazio social. Por isso, Hanks (2008) emprega a noção de *campo social* desenvolvida por Pierre Bourdieu, na qual é possível designar o espaço delimitado de posições pré-determinadas adotadas em uma interação, e de tomadas de posição por meio das quais valores circulam em uma interação. Desse modo, a incorporação da noção de campo social à análise de processos como a referenciação e as metáforas revela-se promissora a um diálogo profícuo entre a Linguística Textual, a Linguística Cognitiva e as Ciências Sociais.

Os dados aqui analisados têm caráter amostral diante de nossos objetivos. Por isso, demos saliência nessa seção apenas às categorias analíticas propostas por Hanks (2008), segmentos relevantes estão indicados por algarismos romanos, embora nossa análise leve em conta categorias comuns aos estudos da referenciação e da metáfora, processos destacados em negrito. Também é relevante apontar que os dados fazem parte de dois *corpora* distintos. O dado 1 faz parte de nossos estudos sobre a retórica neopentecostal, dentro do projeto “Circulação e consolidação de sentidos, crenças e conhecimentos de mundo neopentecostais: da produção linguística dos líderes religiosos à recepção dos fiéis.” O dado 2 faz parte da dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2023, de Marcela Costa de Souza, intitulada Modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de COVID-19 nas lives de quinta-feira do ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro.

4 Entre o Bem e o Mau na retórica do bolsonarismo e do neopentecostalismo

O neopentecostalismo brasileiro e o bolsonarismo partilham, além do posicionamento neoliberal (Dardot; Laval, 2016), uma retórica fundante, e também fundamentalista, baseada numa forte oposição entre “bem” e “mau”. No caso do bolsonarismo, essa oposição é própria da ideologia populista, que considera a sociedade separada em dois grupos homogêneos e

antagonistas, o povo puro *versus* a elite corrupta (Mudde, 2004). Decisiva para a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do país (Feltran, 2020), a retórica do medo permaneceu durante o seu governo como recurso de engajamento para sua base.

Além disso, há uma relação de complementariedade entre ambos, pois as igrejas neopentecostais ocupam um vácuo deixado pelo Estado, em particular nas periferias urbanas do país (Martins, 2015). Nessas localidades, atuam como as “novas articuladoras da sociabilidade” (Solano, 2018, p. 4), garantindo suporte e acolhimento que deveria ser oferecido através de políticas públicas. Ao preencher essa lacuna deixada pelo Estado, esses grupos passaram a ocupar posições de poder local em comunidades pouco assistidas, pautando temas em grupos de *Whatsapp* de bairro e centros comunitários, oferecendo, através da teologia pentecostal, novos significados para a vida urbana (Feltran, 2020). Tais significados, não raro, baseiam-se na crença da Batalha Espiritual (Martins, 2015; 2021), um dos pilares do neopentecostalismo. Nesse quadro, os problemas de ordem social, como a pobreza e a violência urbana, enfrentados pelas pessoas, resultam apenas e tão somente de ações individuais, responsáveis por aproximá-las ou afastá-las de Deus: “o mal (...) é subjetivado, rotinizado e até banalizado na vida dos fiéis. Dessa maneira, o diabo se tornou explicação para quaisquer tipos de problemas que afetam as pessoas” (Campos, 2007, p. 62).

No contexto da pandemia do coronavírus, pudemos notar a força de agentes do campo econômico no reforço a essa retórica do medo – entrevista na forte oposição de setores da burguesia brasileira às medidas de isolamento social (Cavalcante, 2021; Valle; Del Passo, 2020) – alinhando ainda mais a relação entre o bolsonarismo e o neopentecostalismo. Afinal, se a aprovação do governo Bolsonaro poderia piorar em um provável quadro de crise econômica – influenciando o quadro eleitoral de 2022 –, a renda das igrejas, altamente dependente do crescimento da renda financeira e das atividades econômicas dos fiéis – em sua maioria, entusiastas de alguma forma de empreendedorismo –, também sofreria impacto negativo.

Não por acaso, nos primeiros meses da pandemia, o alinhamento entre o discurso das principais igrejas neopentecostais e do governo federal era absoluto (Martins, 2021), tendo como alvo, como a representação do mau, as políticas de isolamento horizontal e seus respectivos agentes políticos e midiáticos. Do outro lado, o isolamento vertical, ao possibilitar a continuação do trabalho, e, assim, garantia fiduciária, seria algo do “bem”, próximo a Deus e, portanto, adequado aos “cidadãos de bem”, em oposição aos “vagabundos”. Falas públicas de Jair Bolsonaro e Edir Macedo, portanto, tinham como foco salientar possíveis impactos negativos do isolamento horizontal diante da certa omissão do Estado, como desemprego, fome, violência doméstica etc. Vejamos duas delas.

4.1 Dado 1 – Edir Macedo e a tática de Satanás

A primeira fala a ser analisada é um pronunciamento de Edir Macedo (líder fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, exemplo prototípico do neopentecostalismo brasileiro) durante uma *live* no *Facebook*. Embora não esteja inserida em um culto televisionado, sua fala segue todas as características típicas⁵ de um culto: é assimétrica, pois o orador religioso

⁵ Ver Martins (2015, 2021)

detém o poder unilateral de fala ao assumir a posição de: i-) líder da congregação; ii-) detentor das ferramentas de interpretação da realidade através do livro sagrado; iii-) um exemplo de pessoa bem-sucedida a ser seguido. Os trabalhos de Sociologia realizados por Campos (1997), Mariano (2013), entre diversos outros, oferecem informações importantes à descrição do campo social onde ocorrem essas interações, sendo fundamentais para delimitarmos aspectos importantes da interação entre líder e fiéis neopentecostais, nos quais as posições socialmente pré-determinadas indicam quem faz o que naquela interação.

No dia 11 de Março do ano de 2020, após exibir um vídeo em que um médico neuropatologista e professor da UNIFESP, Beny Schmidt, alega que a nova variante do coronavírus era letal em casos muito específicos e não deveria ser motivo para pânico generalizado, Edir Macedo profere o seguinte enunciado: “O pavor que a mídia tem usado para levar as populações, as nações, apavoradas com respeito a esse vírus, coronavírus. Por trás de toda essa campanha do coronavírus existe um interesse econômico. E onde há interesse econômico, aí tem”. Já nesse período propagava-se junto à extrema-direita ocidental a narrativa conspiratória de que a crise social e econômica iniciada pelo coronavírus seria uma estratégia do Partido Comunista da China para enfraquecer as economias ocidentais e dominá-las. Na sequência, vale-se da seguinte metáfora:

...não se preocupe com o **coronavírus** porque... **essa é a tática//ou mais uma tática de Satanás**... Satanás trabalha com medo com pavor... Satanás trabalha com a dúvida... Satanás apavora as pessoas e **quando as pessoas ficam apavoradas** quando as pessoas ficam com medo quando as pessoas ficam em dúvida as pessoas ficam fracas débeis... (II)

Um elemento contextual importante para a formação da relevância mútua dentro do campo demonstrativo é o “agora”, pois a *live* foi realizada no mesmo dia da declaração de pandemia da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Uma evidência da incorporação desse elemento concerne à emergência do campo simbólico formado em (I), no qual a remissão ao *objeto de discurso* “coronavírus” dá-se pelo emprego de uma metáfora responsável por construir uma relação do tipo classe-membro: “mais uma tática de Satanás”. O estabelecimento dessa hiperonímia, indicado pelo emprego do determinante indefinido, “um-”, é bastante coerente com a crença na Batalha Espiritual e com a Teologia do Domínio (DIP, 2018).

Antes de estabelecer essa relação de inclusão, porém, Macedo constrói uma relação simétrica entre coronavírus e tática de Satanás, ao empregar o determinante definido “a”. Essa simetria, todavia, cria uma inferência inconsistente dentro da crença na Batalha Espiritual, implicando a autocorreção “ou mais uma”. Há, assim, a incorporação da situação provocada pela pandemia ao sistema de crenças da Igreja Universal, algo também evidenciado quando a expressão “essa é a tática de Satanás” encapsula, via catáfora, itens lexicais como “medo”, “pavor” e “dúvida” (II).

O movimento de construção de uma relação classe-membro por meio da metáfora, além da consistência inferencial com o sistema de crenças pregado na Universal, tem por efeito a diminuição dos riscos sanitários do coronavírus. Esse movimento faz jus à necessidade de manutenção da base de fiéis – esse é o público-alvo da mensagem – ativa dentro do empreendedorismo sacrificial (Mafra; Swatowski; Sampaio, 2012) ao incorporar a resistência, manifestada por grupos empresariais, a possíveis medidas sanitárias de isolamento, como o

fechamento de serviços não essenciais. Esse movimento ainda aponta para a incorporação do campo simbólico onde se cruzam a narrativa conspiratória supracitada e o negacionismo adotado por Jair Bolsonaro diante dos fatos da pandemia (Lellis; Dutra, 2020; Ortega; Orsini, 2020). Essa incorporação indica não só alinhamento público ao governo federal presidido por Jair Bolsonaro, como também revela a força da identificação entre Macedo e o ex-presidente (Nascimento, 2019, p. 16), outro importante fator para construção de relevância mútua entre o líder religioso e fiéis de orientação moral conservadora.

Deve-se notar ainda que esta fala de Macedo ocorre diante de um ambiente bastante propício para o aumento do crédito de instituições como a igreja no combate à pandemia. Preocupado com a própria popularidade diante de um eminente desaquecimento econômico (Lellis; Dutra, 2020), Bolsonaro criou forte clima de desconfiança (Carranza, 2020) ao promover o descrédito das instituições públicas diretamente responsáveis pelo combate à pandemia, como o Ministério da Saúde. Por outro lado, Macedo, entre outros líderes evangélicos, enxergava um crescente perigo à continuidade de seu plano de poder (Camurça, 2021), pois o esvaziamento dos templos jogaria uma pá de cal no projeto, afinal, dentro dos templos a pressão para arrecadação é maior (Martins, 2021). Assim, no primeiro momento da pandemia, a incorporação de um campo simbólico negacionista e conspiracionista, emergente no campo social da extrema direita, era uma estratégia para fixar inferências causais e relações referenciais sobre a situação.

4.2 Dado 2 – Jair Bolsonaro e a luta contra o câncer

Poucos dias após a fala de Edir Macedo, o ex-presidente Jair Bolsonaro, diante do amplo debate público sobre os efeitos socioeconômicos das recomendações propostas pela OMS, também promoveu ataques ao isolamento social horizontal. Embora agente dentro do campo político, parte da estrutura dessas *lives* apresenta similaridade estrutural com a de Macedo, em particular o direcionamento das mensagens a um público fidelizado, da forte assimetria na condução do tópico selecionado, e do caráter ritualístico (Souza, 2023) desse evento comunicativo. Ferramenta estratégica altamente organizada de comunicação político-institucional direcionada à sua base de eleitores, durante a pandemia as tradicionais *lives* de quinta-feira foram fundamentais para construir e veicular uma versão pública sobre a crise sanitária assentada em um campo simbólico marcado pelo negacionismo científico.

Transmitida em 26 de março de 2020⁶, na *live* por nós selecionada, a estruturação do cenário organiza-se pela relevância mútua dada a um elemento do campo demonstrativo, o “agora”, pois nesse momento discutia-se o *lockdown* – medida de isolamento social mais severa por fechar todos os estabelecimentos que não sejam essenciais – como podemos ver em II:

Essa neurose de fechar tudo (I) né? não tá dando certo... tá... mesma coisa... você sabia que eu posso... se alguém tiver um câncer, eu posso curar teu câncer?... eu mato todas as células cancerosas tua eu mato todas... dá o equipamento de... de... quimioterapia... eu queimo tudo tá... se ela é boa se é ruim... eu queimo tudo... (II) o que que acontece? Fica pior... tá... é o que tão fazendo... pra combater

⁶ Essa *live* não está mais disponível na plataforma, pois foi removida das plataformas por violar suas políticas.

o vírus... tão matando o paciente... (III) ai o pessoal fala “ah, o cara é economia, o cara tá preocupado mais com a economia do que com a vida”... (...) **sem grana tu morre de fome cara... morre de depressão suicídio vem violência atrás disso...** (IV) há uma relação direta entre o percentual de pessoas desempregadas e violência... **quanto mais desemprego, maior a violência...** (...) tive um recado da Damares (...) que, em alguns locais aí do Brasil aumentou em cinquenta por cento a violência contra a mulher... (V) **qual a origem disso?** A origem disso nós sabe qual que é... **é esse tal do confinamento, fica todo mundo em casa, tem problema, é DINHEIRO... “em casa onde falta pão todos brigam e ninguém tem razão”** (VI).

No trecho, vê-se a conversão do *cenário* em um *campo semiótico* pela incorporação de um elemento do campo demonstrativo, o “agora”, no qual discutia-se medidas mais severas de isolamento social por meio do *lockdown*. Além do ataque promovido a essa medida por meio do encapsulamento, em (I) – “essa neurose” –, chama a atenção a emergência de um *campo simbólico*, iniciado em (II), no qual uma metáfora é empregada por meio de uma anáfora nominal em forma de paráfrase explicativa. Embora apresente-se como uma forma co-referencial, implica recategorização metafórica (Martins, 2017) do referente. Essa estratégia referencial abre margem para o desenvolvimento de uma analogia com o tratamento quimioterápico para o câncer. Ao desenvolvê-la, o ex-presidente, em uma seleção estratégica de características do domínio-fonte (tratamento de câncer) para pensar o domínio-alvo (*lockdown*), realiza, de forma *online*, as seguintes projeções metafóricas (Souza, 2023):

- a. *lockdown* é a quimioterapia, isto é, um tratamento invasivo e abrangente, que age não só sobre as células cancerígenas, mas também sobre as saudáveis;
- b. pessoas saudáveis (fora do grupo de risco e, portanto, que podem trabalhar) são as células saudáveis, que não precisam do tratamento quimioterápico, mas que acabam sendo afetadas por ele;
- c. pessoas do grupo de risco são as células cancerígenas, isto é, aquelas que realmente precisam receber o tratamento quimioterápico;
- d. os efeitos do *lockdown* são os efeitos fatais da quimioterapia, isto é, que afetam não só as células cancerígenas, como também as saudáveis, matando, portanto, o paciente;
- e. o corpo do paciente seria a economia, que, sem suas células saudáveis, não pode sobreviver.

Essa metáfora construída de forma situada (Vereza, 2013), incorpora uma metáfora conceptual já convencionalizada em nosso sistema conceptual, CÂNCER É GUERRA (Vereza, 2020). A incorporação dessa metáfora convencionalizada garante maior acesso às projeções ensejadas, sem a necessidade de explicações adicionais. O segmento (III), “para combater o vírus tão matando o paciente”, indica ainda a emergência de metáforas de guerra para a conceptualização da pandemia, tendência notada por Vereza (2020) e Rocha e Curti-Contessoto (2021) em outros discursos públicos do ex-presidente.

De modo a preencher essa metáfora e diminuir a potencialidade letal do inimigo (com respaldo de autoridades médicas, como no caso do argumento dado por Beny Schimdt), o ex-presidente lista uma série de consequências do *lockdown*, com vistas a argumentar como o

tratamento será mais agressivo que a doença. A incorporação de um campo simbólico próprio ao campo econômico faz emergir um elemento de relevância mútua, no qual são reforçadas cadeias de causa e efeito entre desemprego e violência – sumarização emergente no segmento (IV). Dentre as inferências causais, e, apelando ao público feminino conservador (segmento V), Bolsonaro dá particular destaque à violência doméstica, como maneira de justificar a dimensão moral de seu posicionamento contrário ao *lockdown* (Souza, 2023). De modo a reforçar esse posicionamento, amplia o escopo do *objeto-de-discurso* junto à paráfrase emergente no segmento (VI), na qual incorpora um argumento de autoridade promovido pelo uso do provérbio.

5 Discussão dos dados: “onde há interesse econômico, aí tem”

Conforme Del Valle e Passo (2020), grande parte da burguesia comercial, de serviços e industrial, e o agronegócio brasileiro – responsáveis por financiar a ascensão de Bolsonaro diante do compromisso de uma agenda neoliberal radical – alinham-se pela defesa do isolamento vertical, a fim evitar quedas nas taxas de lucro. Nessa postura adotada por Bolsonaro, e, também, por Edir Macedo e outros líderes neopentecostais, encontra-se o que Cavalcante (2021, p. 8) chamou de “base de argumentação econômica para a recusa das medidas de isolamento”.

No caso, a defesa do isolamento vertical não só diz respeito ao alinhamento entre os campos político, religioso e econômico, mas, também, aos interesses pessoais de Macedo e de Bolsonaro. Enquanto este estava preocupado com o peso do quadro econômico nas eleições de 2022 e procurava manter o apoio financeiro e logístico desses setores da burguesia, Macedo via numa possível crise econômica a queda brusca da arrecadação de dízimos e ofertas de sua igreja, implicando severas obstruções a seu projeto pessoal de universalização das crenças adotadas pela Igreja Universal do Reino de Deus. Todavia, diferente do ex-presidente, Macedo foi alterando seu posicionamento de acordo com o avanço da pandemia, adotando novas estratégias ao longo dos meses subsequentes a essa *live*. Uma provável explicação está na resistência de parcela significativa da opinião pública sobre os modos de condução da crise sanitária pelo governo federal (Martins, 2021).

A teoria de contexto de Hanks (2008), por meio das noções de *emergência e incorporação*, nos auxilia a compreender como é construído textualmente o modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia (Bentes; Morato, 2021; Souza, 2023). Pudemos observar nesses dados uma incorporação explícita de elementos comuns ao campo simbólico adotado no campo econômico de orientação liberal, tanto pelo campo religioso quanto pelo campo político. Embora amostrais, procuramos mostrar como a noção de campo social é forte candidata a trazer recursos robustos para os procedimentos metodológicos e analíticos da Linguística Textual de abordagem sociocognitiva.

Quando olhamos para dados linguístico-textuais, devemos entender que os enunciados, em sua natureza simbólica ou indicial, “tematizam objetos de referência, formulam, invocam e constroem o cenário, atuam sobre os sistemas de relevância, em resumo, produzem o contexto”. Nesse sentido, as escolhas textuais empreendidas em ambas as lives colaboram para uma “fabricação da realidade” em que o *lockdown* é compreendido de forma negativa, capaz de implodir não só as instituições econômicas como, também, a instituição familiar

tradicional. Valor circulante em ambas as retóricas e que, no modelamento apresentado nas falas de Bolsonaro, serve de justificativa moral para a condução necropolítica de seu governo (Souza, 2023).

Dentre as estratégias textuais utilizadas nesse empreendimento de construção do contexto, como vimos nas exemplificações, destacamos as metáforas. Diante do alto “potencial e pedagógico” (Amossy, 2000, p. 158) destas em contextos argumentativos, este processo referencial contribui para revelar a projeção da intencionalidade textual. No caso do trecho da *live* de Bolsonaro, por exemplo, isso fica claro pela seleção da quimioterapia como elemento de comparação ao *lockdown*, fazendo emergir todo um universo de significados negativos que esse referente carrega em nosso sistema sociocognitivo.

6 Algumas considerações finais

Enquanto a noção de metáfora é um excelente lugar para um diálogo produtivo entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, mas não o único⁷, a noção de contexto é imprescindível ao diálogo entre a Linguística Textual e as Ciências Sociais. Afinal, por meio dela temos acesso a categorias de análise capazes de orientar não só a seleção e tratamento de dados, como ainda a própria interpretação destes.

Já nossa aposta na noção de contexto como noção fundamental a uma abordagem interdisciplinar dos objetos próprios aos estudos sociocognitivos do texto dá-se pela incontornável inserção social dos dados da linguagem em uso. Na análise de dados obtidos de textos públicos, em especial os assimétricos, deve-se considerar o processo de direcionamento da atenção, tal qual proposto por Tomasello (1999), como socialmente inserido. Por isso, a noção bourdieusiana de campo social é bastante importante para entendermos questões associadas à perspectivação, à conceptualização dos objetos e à projeção da intencionalidade, traço prototípico aos textos.

Por isso, consideramos imperativa a imersão nos estudos das Ciências Sociais para entendermos algumas nuances dos nossos próprios dados linguístico-textuais. Mesmo no caso de campos sociais de formação recente, como o é o bolsonarismo. No caso de nossos estudos sobre o neopentecostalismo, as informações e análises oferecidas pela Antropologia (Lima, 2008; 2010), por exemplo), pela Sociologia (Mariano, 2010; 2013), por exemplo) e pelas Ciências Políticas (Vital; Lopes, 2013, por exemplo) têm função primordial para assegurar uma interpretação acurada dos vários processos textuais responsáveis pela construção do sentido, em particular a referenciação. E essa importância reflete-se também nos nossos julgamentos de relevância e de pré-seleção dos textos e processos a serem analisados.

Já sem o suporte de trabalhos da Antropologia, como os de Siepinski (2001) ou os de Lima (2010), a definição dos elementos fundantes desse sistema de relevância mútua, como a projeção de anseios e expectativas do público-alvo, seria feita de modo intuitivo, com menor

⁷ Diversas outras possibilidades de contribuição entre estas duas áreas vêm sendo exploradas desde Marcuschi (2005) e Salomão (2005), quando sugerem a adoção da teoria dos espaços mentais para o tratamento das anáforas indiretas. Aponta-se também uma série de trabalhos publicados e em produção procurando aprofundar a relação entre *frames* e processos referenciais (Morato; Bentes, 2013; Martins, 2015; Souza, 2023, entre outros), *frames* e tópico discursivo (Morato *et al.*, 2017) *frames* e intertextualidade (Parintins, 2019).

chance de precisão na descrição do processo de atuação de elementos contextuais. Essa projeção é determinante às escolhas estratégicas responsáveis pela construção de sentidos, pois é por meio delas que os oradores buscam atingir determinados objetivos comunicativos, como, por exemplo, a persuasão direcionada à adesão dos fiéis às práticas de doação financeira.

Por fim, entendemos que as abordagens interdisciplinares, no seio da Linguística Textual, são fundamentais não só ao avanço da área como um todo, como também impactam as demais áreas, dentro e fora da Linguística. Quanto mais nos aprofundamos nas dimensões sociais de nossos objetos, mais temos a contribuir para o entendimento destes de um ponto de vista linguístico. Pois, se as Ciências Sociais, por exemplo, irão indicar o que ocorre em determinado lugar, à Linguística Textual cabe a tarefa de explicar como os textos permitem que isso ocorra. Afinal, é no interior de nosso objeto, essa forma de cognição social, que todo conhecimento coletivamente validado é linguisticamente constituído (Koch, 2001).

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. Nathan: Paris. 2000
- BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a science of text and discourse*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- BENTES, A. C.; ALVES FILHO, F. Apresentação. *Linguagem em discurso*. v. 12, n. 3, p. 649-655, 2012.
- BENTES, A. C.; MORATO, E. M. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. *Calidoscópico*, v. 19, n. 1, p. 32-46, 2021.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. O texto como objeto de pesquisa. In: GONÇALVES, A. V., GÓIS, M. L. S. (org.) *Ciências da linguagem: o fazer científico*. Vol. 2. Campinas: Mercado das Letras, 2014. p. 137-176.
- CAMPOS, L. S. O demoníaco, as representações do mal, os sistemas de acusação e de inquisição no Protestantismo histórico brasileiro. *Estudos de Religião*, v. 33, p. 59-107, 2007.
- CAMURÇA, M. Igreja Universal do Reino de Deus: entre o “plano de poder” e a lógica de minoria perseguida. *Religião & Sociedade*, v. 40, n. 1, p. 43-66. 2020. <https://doi.org/10.1590/0100-85872020v40n1cap02>
- CARRANZA, B. *et al.* Reações religiosas à Covid-19 na América Latina. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, v. 22, p. 1-5. 2020.
- CAVALCANTE, Sávio Machado. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 4-17, 2021.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DIP, A. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.
- FELTRAN, Gabriel. Formas elementares da vida política: sobre o movimento totalitário no Brasil (2013-). *Blog Novos Estudos Cebrap*. Categoria debate. 2020. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/formas-elementares-da-vida-politica-sobre-o-movimento-totalitario-no-brasil-2013/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

- GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper Row, 1974
- HANKS, W. O que é contexto. In: BENTES, A. C. et al. (org.). *Língua como prática social: das relações entre língua, sociedade e cultura a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 119-145.
- KOCH, I. G. V. Linguística textual: *quo vadis?* DELTA, São Paulo, v. 17, p. 11-23, 2001.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. Cortez: São Paulo, 2002.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002 [1980].
- LELLIS, N., DUTRA, R. Programmatic Crisis and Moralization of the Politics: a Proposal to Define the Bolsonarism from the Experience with the Covid-19 Pandemic. *International Journal of Latin American Religions*, v. 4, p. 335-359, 2020. <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00113-3>
- LIMA, D. “Prosperidade” na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 7-35, 2008.
- LIMA, D. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Mana*, v. 16, n. 2, p. 351-373, 2010.
- MAFRA, C. et al. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 78, p. 81-96, 2012.
- MARCUSCHI, L. A. O barco textual e suas âncoras. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-102.
- MARIANO, R. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *REVER*, São Paulo, p. 68-95, 2008.
- MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 24, p. 119-137, 2013.
- MARTINS, E. F. M. A incorporação da pandemia na retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 32-46, 2021.
- MARTINS, E. F. M.; SOUZA, M. C. de. Metáfora, contexto e incorporação na retórica neopentecostal. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, p. 21-31, 2020.
- MARTINS, E. F. M. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos*. 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.
- MARTINS, E. F. M. Sobre a singularidade das formas correferenciais metafóricas. *Investigações (online)*, v. 30, p. 101-129, 2017.
- MONDADA, L., DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *Coleção clássicos da linguística: Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1995]. p. 17-52.
- MORATO, E. M. O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais. *Investigacoes*, v. 21, p. 81-97, 2008.
- MORATO, E. M. et al. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em Discurso*, v. 12, p. 711-742, 2012.

- MORATO, E. M.; *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 91–110, 2017
- MORATO, E. M. 2017. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, E.R. *et al.* (org.). *Linguística Textual: Interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, p. 394-430.
- MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Frames em jogo na construção discursiva e interpretativa da referência*. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, p. 125-137, 2013.
- MUDDE, Cas. The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, Cambridge University Press. v. 39, n. 4, p. 541–563, 2004.
- NASCIMENTO, G. *O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ORTEGA, F. ORSINI, M. Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. *Global Public Health*, v. 15, p. 1257-1277. 2020. <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1795223>
- PARINTINS LIMA, R. J. *A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. Tese (Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2019.
- ROCHA, Jean Michel Pimentel; CURTI-CONTESSOTO, Beatriz. Coronavírus é como: relações de sentido a partir de metáforas por símile. *Calidoscópio*, v. 19, n. 1, p. 131-142, 2021.
- SANDIG, B. 2009. O texto como conceito prototípico. In: WIESER, H. R., KOCH, I. G. V. (org.) *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 47-72.
- SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, v.3, n.1, p. 61-79, 1999.
- SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. G. V. *et al.* (org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-168.
- SALOMÃO, M. M. Luiz Antônio Marcuschi e a imortalidade do diálogo. *Revista Investigações*, Recife, v. 30, n. 2, p. 1-10, 2017
- SIEPIERSKI, C. T. *De bem com a vida: O sagrado num mundo em transformação*. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. Tese (doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 2001.
- SOLANO, Esther. *Crise da Democracia e extremismos de direita*. São Paulo: Friedrich Eberto Stiftung Brasil, 2018. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>
- SOUZA, Marcela Costa de. *Modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de covid-19 nas lives de quinta-feira do ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- TOMASELLO, M. *Cultural origins of human cognition*. Massachusetts: Harvard University Press, 1999.
- TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. Cambridge: The MIT Press, 2008.
- TOMASELLO, M. *A natural history of human thinking*. London: Harvard University Press, 2014.

VALLE, A.; DEL PASSO, O. 2020. As frações burguesas na crise da covid-19: apontamentos preliminares. *Brasil de fato: uma visão popular do Brasil e do mundo*, São Paulo, 16 abr. 2020, Política, Disputa. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2020/04/16/artigo-as-fracoes-burguesas-na-crise-da-covid-19-apontamentos-preliminares>. Acesso em: 24 maio 2023.

VEREZA, Solange. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.

VEREZA, Solange. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de covid-19. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 69 (especial), p. 52-89, 2020.

VITAL, C., LOPES, P. V. L. *Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll; Instituto de Estudos da Religião, 2013.